

Simonsen prevê aumento da dívida e avalia as condições de solvência

por Waldo Nogueira
de Salvador

A última elevação da "prime rate" no mercado norte-americano é uma consequência da alta da Libor, que ocorreu há oito dias e não mereceu tanto destaque da imprensa, disse ontem, em Salvador, o professor Mário Henrique Simonsen. A elevação da "prime" deve ter sido até retardada para não coincidir com a reunião de Cartagena, de acordo com Simonsen.

O problema da dívida externa da América Latina — total de US\$ 350 bilhões — foi, aliás, o tema de palestra que o ex-ministro proferiu no auditório do Salvador Praia Hotel, para marcar a inauguração de instalações próprias, em Salvador, do Banco Mercantil de Crédito S/A (BMC). Simonsen é consultor do BMC.

"A causa efetiva da crise das dívidas foi a mudança da política econômica norte-americana em 1981, combinando um esperado aperto monetário com um surpreendente déficit fiscal", segundo Simonsen. "Com isso, explodiram os juros, valorizou-se o dólar, deflagrou-se uma crise mundial que mutilou o crescimento das exportações e as relações de troca da América Latina."

SOLVÊNCIA

Ele assinala que o problema da solvência de um país deve ser discutido sob o seguinte ângulo: o da capacidade de liquidar em tempo hábil o débito externo, transferindo para o exterior uma parcela da receita de exportações. Essa transferência líquida "é igual ao superávit comercial, menos o pagamento de serviços fora juros". Como neste ano o Brasil deverá transferir para o exterior cerca de US\$ 7 bilhões, quantia insuficiente para cobrir os encargos de juros, Simonsen conclui que "em 1984 a dívida externa líquida continuará a crescer".



Mário Henrique
Simonsen

O PESO DOS JUROS

O ex-ministro valeu-se de um exemplo: se as exportações do Brasil crescerem a taxa igual à taxa de juros e se forem transferidos para o exterior 25% das receitas de exportação, a dívida poderá ser liquidada em dezesseis anos. "É claro que, antes disso, os banqueiros internacionais restabelecerão nosso amplo crédito, pois o problema dos países latino-americanos, como o de qualquer devedor, é menos o de liquidar suas dívidas do que demonstrar que elas podem ser pagas." Ressaltou, contudo, que, com juros de 12% ao ano e exportações aumentando apenas 4% ao ano, os 25% de transferência manteriam o País sempre endividado "a cifras explosivamente crescentes".

Simonsen chama a atenção para um fato importante: "O principal condicionante da solvência dos países endividados — o diferencial entre taxas de crescimento das exportações e dos juros — é determinado pelos governos dos países industrializados, particularmente pelos EUA".

Por isso, diz que "o melhor remédio para o problema das dívidas da América Latina seria um corte do déficit público norte-americano, acompanhado de ligeira folga de liquidez real".